

Cachoeiras de Macacu cuida da saúde e todos tratam

Alexandre Medeiros

Existe um lugar a 100 quilômetros do Rio onde a saúde é do povo como o céu é do avião. Nesse lugar, os lavradores trabalham no campo pela manhã, e à tarde vão de casa em casa para ver como anda a saúde dos vizinhos, tirando pressão, receitando chás e xaropes de ervas medicinais. A participação popular de lavradores, parteiras, curandeiras, estudantes e donas-de-casa, ao lado de jovens médicos, é a base do mais perfeito sistema de saúde do país: o Distrito Sanitário. O nome do lugar? Cachoeiras de Macacu.

O trabalho começou há quatro anos e, na semana passada, mostrou seu mais expressivo resultado: Cachoeiras hoje apresenta o menor índice de mortalidade infantil do Brasil. É emocionante andar pelos 1 mil 65 quilômetros quadrados do município e ver que a população discute saúde em qualquer parte, trabalha nos postos municipais e troca com o médico informações sobre doenças e formas de cura. Na prática, a cidade criou a Reforma Sanitária pregada pelo Secretário Sérgio Arouca como solução para as mazelas dos municípios brasileiros.

No início dos anos 80, a revolta das comunidades rurais de Cachoeiras, que não podiam pagar serviços médicos, revoltou um médico recém-formado que trabalhava em uma clínica particular de Papucaia, 2º Distrito. Da revolta, passaram à ação: o médico a dar consulta de graça, na rua, e a população a se reunir em grupos para ter direito à saúde. Nasceu aí o Projeto Papucaia. O jovem médico, alto e magro, barbas e cabelos compridos, é hoje o secretário municipal de Saúde: Carlos Alberto Trindade, o Carlão. E é a população que decide hoje, através de uma comissão de 26 membros, onde e como se aplicam os recursos para a saúde de Cachoeiras, sejam do Inamps, do Estado ou da Prefeitura.

As unidades primárias de saúde do município, geralmente instaladas no campo, são hoje a imagem do Distrito Sanitário de Cachoeiras de Macacu. Nelas trabalham pessoas das próprias comunidades, que para lá levaram seus conhecimentos em ervas medicinais e a confiança adquirida em anos de convívio com a população. São os agentes de saúde que, além de trabalharem nos postos, fazem as visitas domiciliares. Nessas visitas, os agentes passam a conhecer as condições de moradia e saúde de cada família, conscientizam os vizinhos a levar os filhos aos postos e acabam virando psicólogos, dando conselhos ou amenizando brigas de família.

Todo o sistema de saúde em Cachoeiras é municipal. O cidadão não paga nada no posto de atendimento primário, nada no ambulatório e nada no Hospital Distrital, preparado para cirurgias e internações. Assim, no Distrito Sanitário de Cachoeiras, a população tem acesso a todos os serviços de saúde, do primário ao terciário, sem pagar um centavo. A rede de assistência está sendo ampliada. Em 1984, quando o Distrito Sanitário era só um sonho, a cidade possuía apenas duas unidades primárias e um hospital. Hoje há dez unidades primárias, um ambulatório e o Hospital Distrital. Existem ainda quatro unidades primárias e um ambulatório em construção.

A redução em 50% do índice de mortalidade infantil no município, nos últimos três anos, acompanhou a evolução do sistema de saúde. Em 84, de cada 1 mil crianças nascidas vivas, 34 morriam antes de completar um ano. Em 85, o índice caiu para 27 por 1 mil. Hoje, está em 17 por 1 mil. Não é para menos. As gestantes são acompanhadas em seu pré-natal pelos agentes de saúde. As crianças, desde o parto, têm no posto de sua comunidade uma ficha de controle: são pesadas, vacinadas e recebem o soro de reidratação oral.

Há duas semanas, em quatro postos municipais, foi iniciado um trabalho de saúde mental, com um psicólogo, um psiquiatra, uma fonoaudióloga e uma assistente social. Já estimulada pelas conversas com os agentes de saúde nas visitas domiciliares, a população não tem receio em contar seus problemas aos médicos. O código é simples. Basta o primeiro ser atendido pela psicóloga, e todo mundo sabe que é dia de consulta. Um vai falando para o outro:

— Aquela médica que conversa *taí*.

Fotos de Luiz Morier



Protótipo do contestador, Carlão, afinal, encontrou-se com a medicina

Aventura de jovens médicos

Uma vitória na aplicação da medicina social

Antes de participar da construção do Distrito Sanitário de Cachoeiras, e antes mesmo de pensar em se mudar do Rio, Carlos Alberto Trindade, o Carlão, era apenas mais um dos médicos recém-formados e sem emprego que as universidades despejam todos os anos no mercado de trabalho. Atraído por um emprego em uma clínica particular, foi para Cachoeiras de Macacu. Desde os tempos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, Carlão era o protótipo do contestador.

As barbas e cabelos compridos chamam atenção. Na verdade, são uma marca de Carlão, que os conserva desde os tempos em que era presidente do Diretório Acadêmico Barros Terra, na UFF. O mesmo Diretório onde o diretor de Epidemiologia do município, Christopher Peterson, o Chris, foi secretário. Os dois são amigos desde a faculdade, e hoje não há quem não os conheça nas ruas de Macacu.

— Foi muita luta mesmo. Hoje eu posso dizer que o caminho para o Distrito Sanitário é a descentralização das decisões. A estratégia é municipalizar o sistema de saúde, como é hoje o de Cachoeiras — afirma Carlão, que é presidente do Colegiado de Secretários Municipais do Rio, no qual tenta passar aos outros municípios a experiência de Macacu.

Assim como Carlão, que em 1981 queria apenas juntar dinheiro para pagar uma viagem de estudos à Argentina, Chris-



Christopher num ato de rotina: visita domiciliar

topher não poderia prever o cargo de Diretor de Epidemiologia de um Distrito Sanitário. Americano de Iowa, Chris veio para o Brasil fugindo à convocação para a Guerra do Vietnã, e acabou atrás de um emprego em Macacu. Com Carlão e outros médicos participou da formação do Distrito Sanitário.

Hoje, são todos sanitaristas, mas cada um tem sua especialidade. Carlão é geriatra; Chris, obstetra; Jorge Luís Sayde (o diretor do Hospital), psiquiatra; Ângela Maria Gonçalves (cuida do treinamento dos agentes de saúde), psicóloga, e

Marluce Dias Mendes (diretora administrativa do Hospital), enfermeira. Todos procedem do Rio. Nenhum deles quer sair de Macacu. O reconhecimento da população vem de muitas formas. Outro dia, uma mãe quis dar a seu filho recém-nascido o nome de Christopher, em homenagem ao médico que fez seu pré-natal, mas o funcionário do cartório não deixou, achou muito complicado. Acabou ficando Cristóvão mesmo. No fim, a homenagem valeu: todo mundo chama o garoto de Cris.

Projeto mobiliza lavradores

Pai, mãe e filho fazem visitas e atendem em casa

Na casa do lavrador Luisino Paraíso Borges, 57, na comunidade rural de Bengalas, todo dia é dia de saúde. Quem chega pela estrada de terra e descobre a casa entre as bananeiras não desconfia que ali mora uma família de agentes de saúde, que sabe tudo das outras famílias que moram em Bengalas. Além de Luisino, a mulher, Aureliana, 45, e o filho, Jorge, 23, são agentes de saúde.

Quem reparar melhor vai notar. Luisino levanta com o sol, ou antes dele, e vai para a roça cuidar de sua plantação de bananas e aipim. Depois do almoço, guarda a enxada e a pá, troca a roupa, e começa a andar pelos caminhos de terra de Bengalas. Já então leva outros instrumentos: uma pasta com fichários familiares, uma caneta, pacotes de soro de reidratação oral e um aparelho de medir pressão.

De casa em casa, ele conversa com os vizinhos, receita chás e xaropes, preenche os cadastros. As vezes fica mais de meia hora em uma casa, ouve outros problemas que não os de saúde, e procura resolver tudo. Quando vê que o caso é grave, encaminha o vizinho ao posto municipal. A mesma rotina é cumprida pela mulher e pelo filho, isso quando os vizinhos não batem à porta de Luisino de madrugada, até para que ele resolva um “probleminha” que surgiu:

— A gente anda por aí conscientizando o povo. Agora há pouco, fizemos uma campanha para todo mundo botar filtro de água em casa, e deu certo. Quase ninguém tinha filtro. Agora tem — exemplifica Luisino.

Bengalas ainda não tem posto municipal, o mais próximo fica em Japuíba, distante sete quilômetros, mas a população se mexeu, e o posto será construído. Alguns grandes fazendeiros da região foram consultados para doar um terreno onde se ergueria o posto. Nenhum deles quis ajudar:

— Quem acabou doando o



D. Laura, a parteira, prepara o chá contra bronquite

terreno foi um possessor, que só tinha uma terrinha à-toa, mas doou um pouquinho — contou Jorge.

Perto de Bengalas, na comunidade de Ribeira, os agentes de saúde podem dividir melhor o trabalho porque o posto municipal funciona já há quatro anos. Segundo a agente de saúde Teresa Cardoso, a comunidade tem muitos lavradores sem terra, que venderam as roças porque não tinham recursos para manter as plantações. Os problemas de saneamento são muitos, as valas-negras correm a céu aberto em algumas ruas, e as visitas domiciliares servem para identificar as áreas mais críticas.

Ribeira conta ainda com os serviços de uma simpática mulher, dona Laura, que já perdeu

as contas de quantas crianças ajudou a botar no mundo. Parteira experiente, respeitada pela comunidade, dona Laura chegou a fazer alguns partos com o obstetra Christopher Peterson, hoje diretor de Epidemiologia do município, com quem trocou experiências. A parteira é o retrato do Distrito Sanitário de Cachoeiras de Macacu. Esta semana, ao preparar o almoço, ela cuidava de fazer um xarope contra bronquite para seis crianças. E deu a receita, enquanto mantinha a mistura em banho-maria:

— Você junta em uma panela a favaca grande, saião, ambuba, menstxux, agrião, flor de mamão macho, quina rosa, bichinho de amendoim, mel e chumbinho. Serve também para gripe.